

A BUSCA DE SENTIDO COMO EXPRESSÃO DO SER-PARA-A-MORTE

SEARCH FOR MEANING AS EXPRESSION OF BEING-TO-DEATH

Bruna Coutinho Silva*

RESUMO

O objetivo desta comunicação é promover uma aproximação conceitual entre a *busca de sentido* em Viktor Frankl, precursor da logoterapia, e o *ser-para-a-morte* em Martin Heidegger. A logoterapia proposta por Frankl toma a condição humana de *vir-a-ser*, colocada por Heidegger, como pressuposto para o desenvolvimento de um processo psicoterápico que permita ao sujeito desenvolver-se como ser de possibilidades, responsável e livre por sua condição existencial. Reconhecemos que Frankl toma a analítica existencial heideggeriana como fundamento para estruturar uma psicoterapia, mais especificamente, a condição finita do *ser-aí* e a construção de sentido para sua existência. Nessa busca, estão em questão, sobretudo, a angústia e a responsabilidade do *ser-aí* por sua própria existência. Esta comunicação foi apresentada no II Seminário Filosófico da Pós-Graduação em Filosofia da PUC Minas.

PALAVRAS-CHAVE: Busca de sentido. Ser-para-a-morte. Existencialismo. Análise existencial. Logoterapia.

ABSTRACT

The purpose of this communication is to promote a conceptual approach between the *search for meaning* in Viktor Frankl, a precursor to logotherapy, and *being-to-death* in Martin Heidegger. The logotherapy proposed by Frankl takes the human condition of becoming, put by Heidegger, as a prerequisite for the development of a psychotherapeutic process that allows the subject to develop as a being of possibilities, responsible and free for his existential condition. We recognize that Frankl takes Heidegger's existential analytics as the foundation for structuring psychotherapy, more specifically, the finite condition of *being-there* and the construction of meaning for its existence. In this search, the anguish and the responsibility of *being-there* for their own existence are at stake. This communication was presented at the II Philosophical Seminar of the Graduate Program in Philosophy at PUC Minas.

KEYWORDS: Search for meaning. Being-for-death. Existentialism. Existential analysis. Logotherapy.

Viktor Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra vienense, cuja interesse intelectual iniciou na Psicanálise, mas concentrou no existencialismo, sobretudo nas figuras de Heidegger, Jaspers, Buber, Marcel, Scheler. Frankl é conhecido como o criador da logoterapia, que pode ser compreendida como uma psicoterapia que se ocupa do *sentido* e do

* Doutoranda em Psicologia (PUC Minas). Pós-graduada em Filosofia Contemporânea (PUC Minas). E-mail: bcoutinho.psi@gmail.com.

mental (em contraposição ao meramente racional ou psíquico). Para tanto, se vale da análise existencial, enquanto explicação da existência em suas dimensões ôntica e ontológica.

O pressuposto de logoterapia é de que o ser do homem é o vir-a-ser. A existência do homem encontra-se em sua capacidade de sair de si mesmo em nível ôntico – psíquico e físico – para chegar ao nível ontológico – espiritual. Esse ato de lançar-se, *ek-sistir*, para Frankl não abdica de considerar a dimensão psicofísica; o homem deve ser compreendido em sua totalidade tridimensional, e não ser reduzido a nenhuma das dimensões específicas. No entanto, a liberdade do homem encontra-se apenas em *ser espiritualmente*.

[...] o que nós destacamos é o fato de que o homem, como ser espiritual, não só se encontra confrontado com o mundo – tanto com o meio ambiente como com seu mundo interior – como também toma posição diante dele, sempre pode “dispor-se” e “comportar-se” de alguma forma diante dele, e esse comportamento é precisamente um comportamento livre. [...] Designamos exatamente como espiritual no homem aquilo que pode se confrontar com o todo social, o corporal e inclusive o psíquico nele. Por definição, o espiritual é só o livre no homem. Partindo de um princípio, chamamos “pessoa” só aquilo que pode se comportar livremente, sejam quais forem as circunstâncias. A pessoa espiritual é aquela parte do homem que pode confrontar sempre e a qualquer momento. (FRANKL, 1995, p. 95-96).

Nesse sentido, a dimensão ontológica do ser humano não é determinada; é justamente nela que consiste sua condição de projeto existencial.

Para Frankl, na atualidade, há maneiras de o homem expressar a fuga e o medo da responsabilidade e da liberdade pela existência. Ele pode fazê-lo ao assumir uma atitude de provisoriabilidade diante da existência, tomando como desnecessário agir diante do mundo, dado o caráter provisório da existência; ou mesmo assumindo uma atitude fatalista diante da vida, tomando como impossível agir diante do mundo. Essas atitudes são consideradas por ele sintomas da ausência ou da carência de sentido diante da existência. Daí que a proposta da logoterapia é auxiliar o sujeito na percepção de seu horizonte de possibilidades de sentido para sua existência, de sua liberdade de escolhas e sua subsequente responsabilidade por elas.

Já é possível notar a proximidade conceitual entre Frankl e Heidegger, através da distinção entre ôntico e ontológico e na noção de que o ser do homem se encontra em sua dimensão espiritual. Cumpre, agora, caracterizarmos também alguns pontos essenciais do pensamento de Heidegger, para chegarmos ao objetivo deste trabalho.

Martin Heidegger (1889-1976) foi um filósofo alemão, fundamental para a filosofia a partir do século XX, e seus estudos abarcaram discussões diversas, como o sentido do ser, a linguagem, a metafísica, entre outros. Para nosso propósito, é importante destacar que

Heidegger (2006) construiu sua filosofia a partir da retomada da questão do ser, que, ao decorrer do pensamento filosófico, se tornou trivial e supostamente esgotada. No entanto, o conceito de ser permaneceu obscuro e indefinido, a despeito de seu caráter tomado como universal. Para Heidegger (2006, p. 42), o “ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado”, enquanto o “ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos”.

À compreensão do *dasein*, ou presença, deve-se acrescentar necessariamente a temporalidade, visto que ele é ser-no-mundo, sua existencialidade se dá concretamente no cotidiano de um mundo que é temporal e espacial. “Ser não é coisa, por conseguinte, nada de temporal. Não obstante, é determinado como *pre-sença* através do tempo. Tempo não é coisa, por conseguinte, nada de entitativo; mas permanece constante em seu passar, sem mesmo ser nada de temporal como o é o ente no tempo” (HEIDEGGER, 1979, p. 456). Nem ser nem tempo podem ser entificados (dimensão ôntica), mas podem ser notados pelo seu *dar-se*, pelo seu *acontecer*.

Na temporalidade, ainda, se manifestam vida e morte como dados, constatações. No entanto, a presença na cotidianidade toma a morte do outro como um fato inevitável e impessoal, de modo que, a si mesmo, encoberta seu próprio ser-para-a-morte. As possibilidades de ser da presença ficam encobertas sob o pretexto de que ainda se está vivo, ignorando a iminência da morte e supostamente se distanciando do caráter inevitável e irremissível desta. O ser-para-a-morte cotidiano, assim, vive um modo de ser decadente, pois foge de si mesmo, já que a morte o coloca frete à radicalidade de suas escolhas e possibilidades de ser.

Enquanto ser-lançado no mundo, a presença já está entregue à responsabilidade de sua morte. Sendo para sua morte, ela, de fato, morre constantemente durante o tempo em que ainda não deixou de viver. A presença morre de fato. Isso diz, ao mesmo tempo que, em seu ser-para-a-morte, ela já se decidiu desse ou daquele modo. (HEIDEGGER, 2006, p. 335-336).

Essa colocação é muito importante para nosso propósito aqui, pois evidencia que a responsabilidade da presença por sua morte é também por sua vida, o que o remete à angústia de viver e de fazer escolhas, ou seja, ao seu projeto existencial.

Frankl (1986) interroga-se sobre um dizer comum de que a finitude da vida humana pode torná-la sem sentido. Para ele, pelo contrário, justamente no caráter limitado temporalmente da existência humana que reside a necessidade radical de atribuição de sentido

a ela. “[...] Tendo em vista a morte como fronteira infranqueável do nosso futuro e limite das nossas possibilidades, vemo-nos obrigados a aproveitar o tempo de vida de que dispomos e a não deixar passar em vão as ocasiões irrepetíveis que se nos oferecem, ocasiões essas cuja soma ‘finita’ representa precisamente a vida toda.” (FRANKL, 1986, p. 109). Heidegger (2006), de modo semelhante, percebe que a angústia emerge justamente nesse momento em que o homem se reconhece lançado na existência, na facticidade, defrontando-se com sua própria solidão, seu caráter indeterminado e sua condição de finitude.

A vontade de sentido, portanto, diante da finitude e diante da própria condição de ser-no-mundo, é tomada como inerente à existência humana, de fato uma “motivação primária” como afirma Frankl (2008, p. 124). Importa ressaltar que o sentido da vida não é tomado de modo geral e abstrato, “[...] mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento” (FRANKL, 2008, p. 133). E o sentido, além de situado temporalmente, é construído a partir da relação do sujeito com o mundo, e não a partir de “seu interior”. Desse modo, uma pessoa pode encontrar sentido para sua vida, em dado momento, ao amar outra, ao se dedicar a uma causa, trabalho ou prática, ao ser capaz de assumir outra postura diante do sofrimento. Aqui também podemos apontar a conexão do pensamento dos autores, quando Heidegger (2006, p. 340) afirma que “a morte não apenas ‘pertence’ de forma não indiferente à própria presença, como *reivindica* a presença enquanto *singular*”. Daí que a autenticidade do *dasein* só pode emergir mediante essa capacidade de assumir sua própria existência e escolher-se de forma mais própria.

Ainda sobre a finitude, Frankl (1986, p. 109) afirma:

A finitude, a temporalidade, não é apenas, por conseguinte, uma nota essencial da vida humana; é também constitutiva do seu sentido. O sentido da existência humana funda-se no seu caráter irreversível. Daí que só se possa entender a responsabilidade que o homem tem pela vida quando a referimos à temporalidade, quando a compreendemos como responsabilidade por uma vida que só se vive uma vez.

Heidegger (2006) toma a morte do mesmo modo em seu caráter irreversível, irremissível e insuperável e, quando a presença não foge daquela, apresenta-se em seu caráter mais radical, como abertura, como projeto. “A libertação antecipadora para a morte liberta do perder-se nas possibilidades ocasionais, permitindo assim compreender e escolher em sentido próprio as possibilidades fáticas que se antepõem às insuperáveis” (p. 341). É nesse sentido que Heidegger (2006, p. 339, grifos do autor) fala do antecipar como próprio da presença. Tal antecipar se trata, no caso da morte, de antever a “[...] *possibilidade da impossibilidade da*

existência”. Diante dessa antecipação, o próprio existir, o *poder-ser* se revela ao *dasein*, e mais, a possibilidade de poder-ser-todo, próprio, singular. Nesse sentido, a antecipação da impossibilidade da existência evoca a angústia, enquanto ameaça a seu próprio poder-ser. A angústia da constatação do *dasein* de sua finitude, portanto, quando encarada de forma autêntica, possibilita a ele assumir sua condição de liberdade de poder-ser mais próprio. Desse modo, a angústia está relacionada à responsabilidade da presença por sua existência.

Sobre a responsabilidade do *dasein* por seu projeto existencial, Frankl (1995, p. 143) coloca:

A pergunta pelo sentido da vida só pode ser suscitada de forma concreta e só pode ser respondida de forma ativa; se partirmos de uma reflexão retroativa sobre a estrutura originária da vivência do mundo, então teremos de operar uma guinada copernicana na questão sobre o sentido da vida: é a própria vida que interpela o homem. Ele não tem de perguntar; mais exatamente, ele é “perguntado” pela vida, tem de responder à vida, tem de assumir a vida responsabilmente.

A existência convoca a presença a assumir-se enquanto o projeto que é, enquanto a abertura que é, enquanto condição radical. A presença pode assumir esse projeto de forma a ser responsável por suas escolhas, ou pode perder-se em escolhas de outrem, ou mesmo ignorar que é feito de escolhas, mesmo assim estará escolhendo viver uma vida inautêntica.

Em suma, nota-se a enorme influência de Heidegger em Frankl. Os pensadores foram contemporâneos; chegaram a se encontrar pessoalmente e dialogar sobre a proximidade de suas reflexões¹. Frankl tomou a analítica existencial heideggeriana como fundamento para estruturar uma psicoterapia e radicou sua estrutura em torno da questão do sentido. O encontro conceitual dos pensadores converge sim na ideia que buscamos sustentar aqui, de que é possível pensar no ser-para-a-morte como aquele que busca um sentido para sua existência. Nessa busca, estão em questão, sobretudo, a angústia e a responsabilidade da presença por sua própria existência.

REFERÊNCIAS

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

¹ “Frankl menciona encontros com Heidegger e que este aprovava sua interpretação relativa à ideia do *dasein* apresentada pela fenomenologia (Frankl, 2011/1996; Frankl, 2010/1995)” (VERAS; SANTOS; ROCHA, 2014, p. 100).

FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e análise existencial**: textos de cinco décadas. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. 2. ed. Tradução de Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrante, 1986.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Tempo e ser. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 454-469. (Os Pensadores).

VERAS, Alan; SANTOS, Ednalva F.; ROCHA, Nádia M. D. Sobre a genealogia intelectual de Viktor Emil Frankl. **Logos & Existência – Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, v. 3, n. 2, p. 95-105, 2014.